

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00714471

Data 08 / 10 / 2007

☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

**ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Lilian Aparecida Rodrigues Farias Fernandes

***MOVERE: TEATRALIZAÇÃO DAS PAIXÕES
NO BARROCO LUSO-BRASILEIRO.***

808.
F363m
22.01
C9256 8954

**Pontes e Lacerda/MT
2007/1**

**ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Lilian Aparecida Rodrigues Farias Fernandes

***MOVE-RE: TEATRALIZAÇÃO DAS PAIXÕES
NO BARROCO LUSO-BRASILEIRO.***

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito Parcial para obtenção do título de graduado em Letras. Orientador (a): Professora Ms. Maria Inês Parolin Almeida.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: __/__/__

Nota: _____

Orientadora: Professora Ms. Maria Inês Parolin Almeida
Departamento de Letras
UNEMAT

1º Membro: Professora Walmira Sodré Austríaco Moraes
Departamento de Letras
UNEMAT

2º Membro: Professor Weberson Fernandes Grizoste
Departamento de Letras
UNEMAT

Dedico com muito Amor ao Meu marido Ailton, meus filhos Ilton e Ailton Júnior, aos meus pais Valter e Aurora, meus irmãos Airton e Eliane, aos meus amigos Soeli M^a Pereira, Maristela Floriano, Gisele Pereira Borges, M^a Isabel F. M. Miranda de Almeida, Edir Miranda, Adriana F. Moreira, Célio de Oliveira Mattos, Vera Lúcia F. M. de O. Mattos, Pedro Fernandes Moreira e In. Memória de meus irmãos: Valdir Pedro, Valtinlio e sogros: Elena M. Fernandes e Pedro Fernandes Maciel.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, aos meus professores que colaboraram para a minha formação acadêmica: Inês Varolin, Antonia Selma, Elder, Kátia Chaves, Tereza Razos, Eliana Almeida, Alessandra Ferris, Oseias, Lara, Acácia, Mérica, Elizabeth, Isobel de Freitas, Selma Krich, Edson Bergamo, José Antonio, Marnei Almeida, Wandertacy, Renata Rolon, Carmen Zirr, Jocimilde Karin, Ana Maria, Raquel, Maria da Penha, Fátia e aos amigos Webersson, Walмира e a todo corpo acadêmico da UNFESMAT. Enfim, para todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram nesta jornada, especialmente aos meus familiares e parentes pela paciência e compreendido em todos os momentos da minha vida.

Apesar de ser então um devasso escravo de meus apetites, li e entendi por mim mesmo todos os seus livros das artes liberais que pude. Tudo o que respeitava à arte de falar e de raciocinar, à música e aos números, aprendi sem muitas dificuldades nem ajuda de ninguém. Você sabe, Senhor meu Deus, que esta vivacidade de compreensão e sutileza de entendimento são dons seus, mas eu não os dedicava a você. "Confissões" de Santo Agostinho.

RESUMO:

O tema central deste estudo investiga a apropriação da estrutura retórica clássica para promover o *movere* (termo em latim: comover) no engenho retórico-político-teológico na sermonística barroca, contra-reformada luso-brasileira. Para tal, focamos o *Sermão da Sexagésima* (1655) de Padre Antônio Vieira (1608-1697) que traz os procedimentos técnicos da Retórica Aristotélica em sua estruturação. Assim, tematizar diretamente o lugar da retórica no âmbito das práticas escritas e leituras na metrópole e suas colônias. Principalmente, a teatralização sacramental que reveste a oratória sacro-poética seiscentista.

Palavras-chave: retórica, *movere*, sermão, oratória, Vieira.

SUMMARY

The central subject of this study investigates the appropriation of the classic rhetorical structure to promote movers (term in Latin: to commove) in the rhetorical-politician-theological device in the *Baroque Sermonística*, against-remodelled. For such, we foams the *Sermon of Sixtieth* (1655) of Priest Antonio Vieira (1608-1697) that it brings the procedures technician of the Aristotelian Rhetoric in its estruturation. Thus, to directly tenderizer the place of the rhetoric in the scope of the practical ones: you pray and scholars in this sermon and, mainly, sight the sacrament teatralizacion that coats sacrum-poetical the oratories vieiriana.

Word-key: rhetoric, *movere*, sermon, oratories, Vieira.

SUMÁRIO:

APRESENTAÇÃO.....08

I A MÁQUINA RETÓRICA.....11

1.1 A Sermonística Barroca.....11

1.2 A Retórica das Paixões.....16

II A MÁQUINA RETÓRICA NA HERMENÊUTICA BARROCA.....23

2.1 *movere*: A Pragmática Retórica no *Sermão da Sexagésima*.....23

2.2 O Signo das Paixões na apropriação Católica.....36

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....42

APRESENTAÇÃO

No sentido de compreender como o *movere*¹ foi tomado pela sermonística católica, optamos em realizar uma análise do *Sermão da Sexagésima* (1655) de Padre Antônio Vieira, famoso orador português. Mais especificamente, este estudo investiga como a sermonística dos séculos XVI e XVII se apropria da estrutura da retórica clássica cacofônica para instaurar o *movere* na oratória sacro-poética seiscentista.

Assim temos como objetivo inicial tematizar o lugar da retórica clássica no âmbito da prática oral e letrada dos séculos XVI e XVII, na cultura portuguesa/lusófona da Teatralização Sacramental contra-reformada, que encena a oposição complementar do *finito/infinito* na oratória jesuítica de Padre Vieira. Para isso, vamos apresentar os procedimentos técnicos da retórica aristotélica na estruturação discursiva do *Sermão da Sexagésima* (1655).

Dividimos este estudo em dois capítulos para desenvolver a relação entre o corpus teórico literário e o corpus teórico analítico deste trabalho.

No primeiro capítulo, o foco inicial apresenta a sermonística vieiriana e levanta fatos históricos e teóricos ligados ao tema desenvolvido por Vieira, no *Sermão da Sexagésima*. Tendo em vista, que o “Barroco” teve seu início em 1580, com a colonização do Novo Mundo², podemos notar dois estilos distintos neste período, que configuram as práticas de escrita e leitura na metrópole e suas colônias luso-brasileiras, nomeados como o Cultismo e o Conceptismo. O primeiro é caracterizado pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, pela

¹ *Movere* (termo latino): mover, comover ou convencer o ouvinte por meio de ações ligado a memória, a inteligência e a vontade.

² Referimo-nos às Grandes Navegações e a Colonização da América e do Brasil entre outras colônias de Portugal.

valorização do pormenor mediante jogos de palavras. Já o Conceptismo é marcado pelo jogo de idéias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico e racionalista, que utilizou uma retórica aprimorada nesta época.

Destacamos então, Padre Vieira no centro deste estudo, visto que utilizou a retórica aristotélica para esculturar a palavra Divina à realidade política das Colônias e do Império Português, num período marcado pela dualidade científica e religiosa da época.

Em seguida, enfatizamos a *Arte Retórica* (s/d) de Aristóteles por termos em vista a leitura dos estudos de Barthes em *A retórica antiga* (1975), que apresenta um valoroso e rico teor informativo sobre as técnicas retóricas.

Observamos que a retórica aristotélica compreende três operações importantes no eixo estrutural da oratória que são: *héuresis/inventio*³, *táxis/dispositio*⁴ e *léxis/elocutio*⁵ para promover o *movere* no ouvinte. Neste sentido, podemos encaminhar a luz dos olhos ao Mistério Sacramental contra-reformista através do engenho retórico-político-teológico na sermonística vieiriana.

No segundo capítulo, começamos a decifrar a apropriação da retórica aristotélica na estrutura do *Sermão da Sexagésima*. No referido sermão, Vieira desenvolve a oratória com decoro e recato, ou seja, um estilo de clareza ao utilizar as articulações da escolástica tomaziana, em que estabelece um raciocínio lógico nos esquemas argumentativos, por um movimento unificador e circular.

Nesta perspectiva, Vieira transpõe o sentido místico sebastianista, num torneio vocabular cheio de encenações verbais que resulta na *traditio oral canônica* op cit Hansen

³ *Héuresis* (grego); *inventio* (latino): “invenção”. “É a descoberta, realizada no domínio teórico, de temas a discutir ou investigar (Górgias), de categorias mentais lógicas ou avaliativas (Cícero), de argumentos verossímeis (Retórica de Herênio), de palavras e maneiras de elocução (Aristóteles)”. (PLEBE & EMANUELE, 1992, p. 191).

⁴ *Táxis* (grego); *dispositio* (latino): “disposição”. “É o ordenamento das partes e das formas do texto, que intervém em seguida à *héuresis*.” (idem, p. 194).

⁵ *Léxis* (grego); *elocutio* (latino): “elocução”. “Em retórica, é o conjunto das virtudes *elocutionis*, isto é, das técnicas de invenção, uso e manipulação da linguagem destinada a aumentar sua eficácia natural”. (ibidem, p. 192).

(1999) da mentalidade Barroca. Assim, partimos para a análise do *Sermão da Sexagésima*, seguindo os moldes estruturais da retórica aristotélica: exórdio, exposição, provas, epílogo ou peroração para evidenciar a apropriação da retórica clássica, cabe salientar que os séculos XVI e XVII marcam a terceira entrada das Artes Poética e Retórica aristotélica, mais fecunda na Escola Literária do “Barroco”.

Enfim, cabe enfatizarmos a grande importância de Hansen (1999/2006) e Pécora (1994/2000/2001) neste estudo, que se inscreve dentro da linha de raciocínio deles, pois traz uma revisão das letras ibéricas seiscentista e, com um olhar menos anacrônico que a crítica literária faz até então. Dessa forma, refletimos a formação do sujeito literário brasileiro, fundado a partir da inscrição do “Barroco”, que encena a retórica como uma catequese e ação política.

I A MÁQUINA RETÓRICA

1.1 A Sermonística Barroca

O *Sermão da Sexagésima* de Padre Antonio Vieira (Lisboa, 1608 - Salvador 1697) foi pregado na Capela Real de Lisboa, Portugal. Este Sermão, também conhecido como o *Sermão da Palavra de Deus*, possui uma natureza metalingüística sobre a arte de pregar, é um sermão sobre o sermão, que move a política e a teologia na arte oratória sacro-poética luso-brasileira.

Os temas desenvolvidos por Vieira no *Sermão da Sexagésima* (1655) condenam o cultismo exagerado dos pregadores seus contemporâneos, que se valiam da manipulação das palavras em detrimento à mensagem, ou seja, segundo Vieira estes pregavam as “palavras” de Deus, mas não a “palavra” Divina. Também condena a escravidão dos índios no Brasil Colonial e as questões políticas/econômicas do Reino Português e, em defesa aos cristão-novos e judeus perseguidos pela Inquisição.

A tensão entre o Cultismo e o Conceptismo é um aspecto que caracteriza o “Barroco” luso-brasileiro, marcado pela decadência de Portugal que perdeu sua autonomia pelo radicalismo, repressão e terror impostos pela Contra-Reforma e também pela reação nacionalista, inaugurada com a Restauração (1640) e com a autonomia portuguesa. Daí, a predominância de todas as Artes Barrocas estarem voltadas para a conversão, catequese e elevação espiritual, como aconteceu na oratória sacra, que por sua vez foi condensada a uma prosa retórica e uma didática ética e moralizante.

Devemos salientar, que o Cultismo e o Conceptismo não são apenas estilos retóricos ou sermonísticos, mas também antes de tudo posições discursivas encampadas pelos oradores, de acordo com suas posições teológico-político. Isso quer dizer que a tensão entre esses dois pólos é a tensão retórica-política-teológica contra reformada, que o “Barroco” encena: Palavras X idéias; jesuítas X dominicanos; aparência X essência; Inquisição X liberdade; Domínio português X declínio português; etc, ou seja, tudo gira em torno da disputa do poder.

Nesse sentido, a sermonística vieiriana visa convencer/converter o ouvinte por meio das paixões, que são ações constituídas no *movere*. Bem como a razão que se move pela ação das idéias e de pensamentos de uma política teológica obscurantista estabelecida pela Contra-Reforma Católica.

O pensamento político de Vieira parte da premissa da prática oral e escrita, que visa acima de tudo o interesse do Reino de Portugal. Com isso, evidencia um poderoso arsenal intelectual atinado pelo encadeamento racional, amplamente revisado em um tom pragmático e doutrinário na produção luso-brasileira.

Tal como Aristóteles afirma, o discurso expressa confiança e, envolve a platéia pela expressão da voz e gestos do orador, de modo a produzir o efeito desejado por uma semântica verbal e figural, que bem articulada excitará as paixões no ouvinte.

Assim, Vieira utiliza as técnicas retóricas como a *dispositio* na organização das partes do discurso e a *elocutio* para persuadir, no sentido de mover as emoções mais fortes que são constituídas pelas analogias da escolástica tomaziana: *docere* (ensinar) e *delectare* (prazer) para que o ouvinte chega a uma verdade preestabelecida sob os dogmas religiosos católicos. Conforme podemos constatar no *Sermão da Sexagésima*, Vieira diz: “*Nee revertabantur, cum ambularent*”⁶: Uma vez que iam não tornavam. As rédeas por que se governavam era o ímpeto

⁶ Ez. 1:12 “E cada qual andava diante do seu rosto; para onde o Espírito havia de ir, iam; não se viravam quando andavam”.

do espírito [...], mas esse espírito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer: porque sair para tornar, melhor é não sair”. (VIEIRA, 2000, 30).

À medida que Vieira desenvolve as habilidades verbais fundamentadas na voz e no caráter do orador, também evidencia as provas montadas por tópicos em lugares comuns. O *inventio* se constitui de argumentos circulares verossímeis que lhe ao ouvinte a possibilidade de um raciocínio lógico em detrimento da verdade já constituída na organização estrutural do *Sermão da Sexagésima*, como podemos observar:

Mas ainda a do **semeador** do nosso Evangelho não maior. A maior é a que se tem experimentado na **seara aonde eu fui; e para onde venho**. Tudo o que aqui padeceu o **trigo**, padeceram lá os **semeadores**. Se bem advertirdes, houve aqui trigo **mirrado**, trigo **afogado**, trigo **comido** e trigo **pisado**. [...] Não me queixo, nem o digo, Senhor, **pelos semeadores**; só pela **seara** o sinto. Para os **semeadores**, isto são glórias: mirrados sim, mas por **amor de vós mirrados**: afogados sim, mas por **amor de vós afogados**; comidos sim, mas por **amor de vós comidos**; pisados e perseguidos sim, mas por **amor de vós perseguidos e pisados**”. (Grifo nosso, VIEIRA, 2000, p. 31).

Este engenho projeta a imagem do semeador do evangelho através do qual Vieira, em uma operação analógica narra a vida na Colônia brasileira. Esta encenação dramatizada pelo método de interpretação da hermenêutica do Sermão a evidência do Mistério Sacramental Eucarístico através da história Providencial Sebastiana da realidade do Império Ibérico. Conforme Hansen (1994, p. 15) observa, “a oratória jesuítica portuguesa do século XVII [é vista] como a teatralização retórica da teologia política que, nas versões contra-reformadas do poder absolutista, funda-se na oposição complementar do *finito/infinito*”.

Este engenho está projetado na oratória vieiriana pelo o uso da *allegoria in verbis* e da *alegoria in factis*, a primeira alegoria verbal, ocorre pela utilização das categorias lingüísticas da retórica greco-latina como as metáforas. Já a segunda, alegoria factual se constitui com a tipologia, que é uma semântica da realidade, de modo a interpretar a semelhança e a oposição dos eventos históricos, isto é, a teatralização movida na ação sacro-retórico-poética de Vieira,

ao narrar à cena do “semeador” que prega a Palavra de Deus e o “trigo” que é a semente da palavra de Deus.

Vieira projeta de forma escultural as palavras no *Sermão da Sexagésima*, por meio de analogias entre os “espinhos” a Coroa Real e as “pedras” a Igreja Católica. Para tal interpretação, Vieira recorre às *figuras alegóricas* da história/Natureza ligadas ao sentido espiritual, visto que Deus é “Causa” e “Coisa”, com efeito, a hermenêutica cristã “lê coisas como figuras alegóricas – e não as palavras que representam – para nelas pesquisar o sentido espiritual”. (HANSEN, 2006, p. 91). Estas variações temporais funcionam como a repetição do Providencial que precede e preforma a história humana:

[...] Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem. Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo. As pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes. (Grifo nosso, VIEIRA, 2000, p.35).

Ao observarmos a analogia entre os “espinhos” e as “pedras”, a construção poética de Vieira se dá pela figuração da imagem da Paixão de Cristo, esculpida por meio de palavras ao ouvinte, mas distinta do espelhamento com o mundo espiritual, “num sentido que hoje se diria cosmológico, antropológico e místico” (ibidem, 100). Com base não só na tradição grega, mas também na judaica, Vieira produz em suas palavras *Esculturas* discursivas como uma alegoria do universo e pela nova interpretação tipológica das *Escrituras Sagradas*.

As metáforas dão às palavras um efeito semântico verbal e figural, que representa a encenação teatral relacionando a Presença da “Coisa”, mas substituída pelo signo “Semeador do céu” que indica a sua ausência “deste Mundo”, tal proeza desta performance deu à Arte

Literária do Barroco, o status de uma linguagem escultural rica e erudita para ouvidos treinados a fim de receber a mensagem divina.

Dentre outras coisas destacamos também que os “espinhos” e as “pedras” constituem a ação que se repete no tempo e espaço, logo esta possibilita move o ouvinte a avaliação que corresponde à Fé, à Caridade e à Esperança. O que leva o ouvinte a reconhecer no signo o lugar da “Coisa” por meio das alegorias de imagens verbais e plásticas da oratória viciriana, que se percebe pela encenação mimética aplicada na organização das idéias e pensamentos encadeados por argumentos lógicos, visto que a *tipologia* “é uma semântica de realidades, espécie particular e propriamente cristã da alegoria [...]” (ibidem, p. 104).

Portanto, a relação entre Deus/Natureza ativa a memória do ouvinte pela repetição da história que está caracteriza na forma retórica pela posição hierárquica, pois as pedras e espinhos são como Templo/Igreja e Coroa/Rei. O que pressupõem a sua afirmação final seja pela participação do homem na história em Cristo, que fora derrubado, enquanto homem, mas aclamado como Rei, de acordo com evangelho de São Mateus 27: 29 e 51 do Novo Testamento⁷.

Esta analogia coloca o homem na história através da cena da coroação de espinhos de Jesus no cenário de Jerusalém, e produz um efeito retórico que faz com que o ouvinte se perceber enquanto espinho e pedra. Pois o “semeador do Céu” planta a semente na terra, ou seja, no coração do ouvinte, porém este está indisposto e, desse modo a palavra de Deus não triunfa na terra ou nos corações humanos.

Conforme Hansen (2006) explica, que a história natural constitui o sentido por “coisas representadas pelas palavras, não importa sejam palavras de sentido próprio ou figurado”, de modo que o signo é representado pela presença da ausência desta “Coisa” que foi substituída

⁷ Evangelho de São Mateus: “Depois, trançaram uma coroa de espinhos, meteram-lha na cabeça e puseram-lhe na mão uma vara. Dobrando os joelhos diante dele, diziam com escárnio: “Salve o rei dos judeus!”.” (cap. 27:29). “E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas”.(cap. 27:51).

pelo signo. Ao considerarmos os termos básicos do pensamento católico sob a hermenêutica cristã, a alegoria pode ser entendida como “uma técnica da interpretação que decifra significações tidas como verdades sagradas em coisas, homens, ações e eventos das *Escrituras*”.(p. 91-92). Quando o homem entra na História, o Providencial tira-o da história para que a Palavra Divina seja a mais absoluta verdade e Lei, obscurantista da política e da teologia medieval contra-reformadora da época.

Desse modo, Vieira utiliza a *inventio* como técnica apelativa à memória do ouvinte, cuja interpretação se torna analógica e mimética das *Escrituras Sagradas* porque Deus é a perfeição e o homem imita e expressa a imagem criadora do pensamento humano que é apagado pela substancialização do signo providencial na história.

A repetição do significado temporal da história humana com o Providencial apresenta Deus como Causa/Coisa e a Natureza homem/história são efeitos e signos que podem ser revelados tanto nas coisas quanto nas palavras formadas e aplicadas ao mundo e da história pela cristianização dos métodos retóricos greco-latinos que formam as alegorias montadas pela Teatralização da Santíssima Trindade.

1.2 A Retórica das Paixões.

A arte retórica está fundamentada na eficácia da oratória em ordens constituídas pelas partes discursivas contidas no *táxis* e no *léxis* do orador. Barthes (1975) salienta: “O papel de *Górgias* (para nós) é ter submetido a prosa ao código retórico, propagando-a como discurso erudito, objeto estético, “língua soberana” e antepassado da “literatura””. (op cit, p.152).

Na cultura grega a *Arte* era composta apenas por versos, *Górgias* foi um filósofo grego, que ao introduzir prosa na arte, deu origem ao terceiro gênero retórico, o “epidítico” ou demonstrativo. O gênero epidítico é composto por uma prosa decorativa composta por

“figuras” como a metáfora, a aliteração entre outros ornamentos que passaram a ser utilizado pelos poetas, assim abriu a prosa à retórica. Até então, a retórica só funcionava para fins políticos e filosóficos, sem nenhuma atribuição ficcional na arte.

Entretanto, foi Aristóteles quem consolidou a fusão entre a retórica e a poética ao colocar as duas artes no campo do verossímil, e destaca ainda, que tanto a *Arte Retórica* e *Arte Poética* são duas artes autônomas.

Ressaltamos que no mundo clássico a palavra enunciada pelo orador tem a forma de um teatro de voz desejável na existência de duas linguagens: uma própria (verbal) e a outra figurada (imagem). Ambas formam a unidade da frase no discurso, por ser intermediária entre o *oratio* e *figura* que foram previstas na alegoria por Aristóteles pelo papel do agente criador. De acordo com as explicações de Barthes (1975) a mensagem está submetido a uma divisão de tipo informativo, de modo que a *Arte Retórica* (s/d) de Aristóteles divide-se em três partes:

O livro I da Retórica é o livro do emissor da mensagem, o livro do orador. Aí trata-se principalmente da concepção dos argumentos, na medida em que eles dependem do orador, de sua adaptação ao público. [...] O livro II é do receptor da mensagem, o livro do público. Aí, são focadas as emoções (paixões) e, novamente, os argumentos, mas somente na medida em que forem recebidos (e não concebidos, como dantes). O livro III é o livro, por excelência, da mensagem: nele se enfocam a *léxis* ou *elocutio*, isto é, as “figuras”, e também a *táxis* ou *dispositio*, a ordem das partes do discurso. (ibidem, p. 156).

Contudo, ressaltamos que o mundo clássico em geral separa a linguagem entre o sentido próprio e o figural, o que é muito questionável nos dias de hoje, porém na época de Vieira esta relação significava apenas um jogo de sentidos incorporados pela linguagem. Ou seja, havia a “essência” da Coisa, e esta essência poderia ser figurada de diversas formas, por diversas figuras.

A arte retórica aristotélica compreende três operações importantes no discurso para elaboração do *movere* na ação discursiva do orador: a *inventio* é a descoberta dos argumentos

(provas) para convencer/comover o ouvinte. Ela parte de dois caminhos um o lógico e o outro psicológico. A *dispositio* é a ordenação das partes do discurso. E a *elocutio* ou eloquência é a forma como as palavras são enunciadas ou escritas e, sendo as duas últimas ligadas à voz do orador.

Estas três partes do discurso intercambiadas formam a substância do grande paradigma da máquina retórica, ou seja, na ação discursiva do orador pela *res* (coisas) e *verba* (palavras). O que nos chama atenção para o funcionamento do *movere* é que decorre dele a formação de um eixo a partir do grande paradigma retórico que relaciona a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio*.

Tendo em vista que a *dispositio* sustenta ao mesmo tempo a *res* como significante e a *verba* como significado, formam a significação ou representação semântica na interpretação do ouvinte, pois o *movere* está ligado às emoções do ouvinte, isto é a confiança que o orador inspira nesta parte da ação conduzida por aquele.

Para Aristóteles, o orador deve inspirar no ouvinte três causas: prudência, virtude e a benevolência, todas ligadas ao decoro⁸. Pois o orador fala e aconselha, logo deve ser dotado destas três causas, assim: “Ora, as paixões são as causas que introduzem mudanças em nossos juízos, e que são seguidas de pena e de prazer; tais são a cólera, a compaixão, o temor e todas as outras emoções semelhantes, bem como seus contrários”. (ARISTÓTELES, s/d, p.97). Cabe ainda salientar os dois tratados bem distintos no qual Aristóteles define a *Arte retórica* e a *Arte poética* apontada nos estudos de Barthes (1975), em que:

[...] a *Tchene rhetorike* trata de uma arte da comunicação quotidiana, do discurso em público; a *Tchene poetike* trata de uma arte da evocação imaginária [...] ambas são, para Aristóteles, dois encadeamentos específicos, duas “*Tchenei*” autônomas; e é a oposição desses dois sistemas, um retórico e outro poético, que, de fato, define a

⁸ De acordo com o Grande Dicionário Aurélio, decoro [Do latim decoru] substantivo masculino que indica correção moral; com postura; decência; dignidade, nobreza, honradez, brio ou pudor; Conformidade do estilo do orador ou escritor com o assunto de que trata.

retórica aristotélica. Todos os autores que reconhecem semelhante oposição poderão enquadrar-se na retórica aristotélica; está cessará, quando a oposição for neutralizada e a retórica e a poética se fundirem, isto é, no momento em que a retórica se transformar em uma *tchene* poética (de “criação”). (BARTHES, 1975, p. 155).

Aristóteles retoma a dialética, a política e a filosofia na *Arte Retórica* e as transpõe para *Arte Poética* e, a partir dessa fusão coloca ambas as Artes no campo verossímil ao reconhecer o que é possível ou convincente com a verdade. Cujo grau de persuasão é produzido pela disposição do ouvinte, visto que o orador deve levar o mesmo a experimentar uma das paixões:

Com efeito, a distinção do verdadeiro e do verossímil depende da mesma faculdade. Simultaneamente, os homens são, por natureza, suficientemente propensos para o verdadeiro e na maioria dos casos alcançam a verdade. Donde, o encontrar-nos em situação de alcançar as probabilidades, servindo-nos do meio que nos dá a possibilidade de reconhecer a verdade. (ARISTÓTELES, s/d, p. 30).

Torna-se nítido que Aristóteles quer dizer que entre os elementos diferentes, na arte é possível encontrar a unidade convincente ao discurso em prosa retórico-poética, ora por sua ciência, ora por sua intenção artística. Portanto, a verossimilhança no discurso retórico se vale da junção ou fusão entre retórica e a poética. A retórica está ligada à predominância de uma verdade construída pelo discurso e pelas premissas⁹ ou tópicos discursivos que identifica o assunto em questão, que engendradas à retórica ensinam os meios para o orador alcançar a eficácia na sua oratória. De acordo com Aristóteles, a persuasão ocorre por meio da argumentação, ou seja, do discurso e de ferramentas retóricas baseadas no *entimema*¹⁰, por

⁹ De acordo com o Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa: (premissa) é cada uma das duas proposições, a maior e a menor, de um silogismo: proposição ou fato do qual decorre uma consequência.

¹⁰ *Entimema* ou *enthymema*: “Raciocínio quase dedutivo, análogo por estruturas ao silogismo lógico, mas diferente deste por falta de necessidade lógica. Pode se apresentar como um silogismo cujas premissas são verossímeis, em vez de verdadeiras (Aristóteles), ou como um silogismo que falta uma das duas premissas, ou até mesmo a conclusão, tendo neste último caso um valor puramente enfático (Lausberg)”. (ibidem, p. 191).

meio do método silogístico¹¹, e acrescenta que os meios persuasivos são divididos em não-técnicos e técnicos.

Os meios não-técnicos são os que independem da retórica como arte, porque já preexistem e independem da vontade do orador. Aristóteles dividiu em cinco: as leis, os tratados, as testemunhas, os contratos ou documentos, as confissões obtidas pela tortura, que era um meio de prova lícita, na Grécia, e o julgamento.

Os meios técnicos nos interessam muito já que o foco deste estudo está direcionado no funcionamento do *movere* para então partirmos para a ressignificação e apropriação da retórica clássica na sermonística seiscentista luso-brasileira.

Assim, os meios técnicos são aqueles 'dependentes da arte', que são fornecidos pelo discurso e que dependem da invenção ou criação discursiva do orador. Estes estão subdivididos em três espécies: a fundada no orador, *ethos*; no auditório, *phatos* e no discurso, *logos*.

Em síntese, a *Arte Poética* de Aristóteles apresenta temas centrais referentes ao caráter da mímise, a definição da tragédia e da catarse. É importante resgatarmos pontos da obra *Poética* a fim de posteriormente, numa visão do todo nos atermos àquilo que nos interessa para abordagem do tema.

Segundo Aristóteles, a tragédia é a imitação de uma ação completa com começo, meio e fim. Esta ação deve comportar seu objetivo que é a catarse¹², ou seja, a emoção teatral que move as paixões no auditório como: o temor, compaixão, a ira, a intriga entre outras virtudes do ser humano. Lavando em consideração que as paixões absorvem as idéias e os

¹¹ Método Silogístico: "O silogismo é uma forma de raciocínio, mercê da qual, sendo dadas certas proposições (premissas), destas resulta necessariamente uma nova proposição".(ARISTOTELES, s/d, p. 37).

¹² Catarse: expurgação ou purificação das emoções do auditório. As emoções violentas e penosas são através da arte mimética purificadas e transformada em deleite estético e intelectual. Desta forma, ocorre à catarse, pois a arte liberta o homem das emoções passíveis, suscitando um equilíbrio emocional no ouvinte (espectador) que faz com que a alma se torne aliviada e pacificada.

pensamentos do ouvinte, logo, estas dependem antes da *Arte Retórica* do que da *Poética* propriamente dita como causa e efeito das ações miméticas.

Após estas considerações, o discurso conseguir persuadir ou mover as paixões no público, Aristóteles aponta três formas: por meio do caráter do orador - quando este expressa confiança; pelas inclinações despertadas no público - quando o discurso envolve a platéia, excita as paixões; e pelo próprio discurso, pelo seu caráter e consiste na maneira que o orador deve falar, assim as palavras assumem a aparência e o efeito desejado.

Na visão aristotélica todo o discurso é composto por três elementos: “a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala; o fim do discurso refere-se a esta última, que eu chamo de ouvinte” (ARISTÓTELES, s/d, p. 39) que pode ser o juiz ou espectador. Por ser espectador, tem relação com os gêneros retóricos que também são três: o deliberativo, o judiciário e o demonstrativo ou epidítico cada um destes gêneros tem objetivos específicos na oratória.

Independente do gênero escolhido, os discursos sempre são utilizados para formar uma opinião. Quando o orador utiliza o gênero deliberativo: a sua intenção é repreender ou motivar o ouvinte a tomar uma decisão, já o judiciário: tem a pretensão de combater os argumentos do adversário de modo a destruí-lo e por último o gênero epidítico, trata-se de um discurso dirigido ao ouvinte. O último tem a mesma organização do judiciário o qual tem como premissa básica o acordo entre as partes, no sentido de que não terá discussão imediata do tema, um exemplo é a sermonística barroca aplicada no culto religioso católico e o discurso didático pedagógico da sala de aula.

Evidentemente, as técnicas retóricas de Aristóteles não se justificam só pelo racionalismo, mas também pela clareza e desdobramento de pressupostos teóricos que atravessaram o tempo, tanto na retórica como na poética, inscritas sob códigos normativos na aplicação teórica da literatura universal.

Num esforço de manter a unidade perdida na Reforma Protestante, Vieira estrutura na oratória três analogias: o *docere*, ensina; o *delectere*, prazer e o *movere* que se aplicava na escolástica medieval, sob a exegese da hermenêutica cristã composta pela interpretação de filósofos antigos filtrados pelos Doutores da Igreja Católica.

Portanto, a ação discursiva de Vieira aparece como uma mediação entre o sagrado e o humano através do *docere* que tem necessariamente a complementaridade do *movere* e do *delectere*. E estas analogias são utilizadas como estratégia alegórica que integram a interpretação das *Escrituras Sagradas*, montadas por formas metafóricas constituídas na oratória. Assim articula a inteligência, a memória e a vontade do ouvinte na avaliação de seus atos e na disposição do espírito humano para com as Revelações das “Coisas” Divinas.

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω は $\mathbb{R}^n$ の任意の点 x において ω_x は $\mathbb{R}^n$ の基底 $\{e_1, \dots, e_n\}$ に関する行列 $(\omega_{ij}(x))$ で表すことができる。このとき ω は $\mathbb{R}^n$ 上の k -形式である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ は $\mathbb{R}^n$ の任意の点 x において $(\omega \wedge \eta)_x$ は $\mathbb{R}^n$ の基底 $\{e_1, \dots, e_n\}$ に関する行列 $(\omega_{ij}(x) \wedge \eta_{kl}(x))$ で表すことができる。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外微分 $d\omega$ は $\mathbb{R}^n$ の任意の点 x において $(d\omega)_x$ は $\mathbb{R}^n$ の基底 $\{e_1, \dots, e_n\}$ に関する行列 $(d\omega_{ij}(x))$ で表すことができる。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

$\mathbb{R}^n$ 上の微分形式 ω の外積 $\omega \wedge \eta$ と外微分 $d\omega$ の関係は $d(\omega \wedge \eta) = d\omega \wedge \eta + \omega \wedge d\eta$ である。

II A MÁQUINA RETÓRICA NA HERMENÊUTICA BARROCA

2.1 *movere*: A Pragmática Retórica no *Sermão da Sexagésima*

Ao enfatizar os quatro elementos discursivos (exórdio, exposição, provas e peroração ou epílogo) da *Arte Retórica* aristotélica que estrutura o *Sermão da Sexagésima*, que promovem a dramatização poética providencial nesta peça teatral. Ressaltamos que o gênero epidítico é uma prosa retórico-poética muito utilizada desde a consolidação do cristianismo, via a tradição latina com a função de comover/converter o ouvinte à verdadeira fé cristã.

Neste gênero adotado por Vieira, o exórdio possui três fontes discursivas: “o elogio, a censura e o conselho que induz a fazer uma coisa ou dela nos afasta, as considerações que dizem respeito ao ouvinte. Aliás, é mister que esta introdução ao discurso seja ou estranha ou peculiar ao assunto”.(ibidem, 206).

Mais especificamente, a função do exórdio consiste na apresentação do tema com objetivo de conquistar a simpatia dos ouvintes, assim fazer com que o ouvinte se interesse pelo assunto a ser tratado pelo orador e com isso criar uma predisposição favorável ao mesmo tempo.

Ao iniciar a pregação, Padre Vieira, introduz o discurso com uma citação bíblica do evangelho, utiliza *in media res* para entrar direto na cena da Parábola do Semeador e, assim anuncia o tema que será tratado em sua peça. Sistemáticamente, Vieira repete o tema para despertar a atenção do auditório, sendo fundamental manter a técnica de repetição, pois esta reaviva a memória do ouvinte. Logo, as tópicos retóricas formam um raciocínio lógico e circular, como podemos notar:

Semen est verbum Dei

I

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório sáísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o Pregador! Ouçamos o

Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exijt, qui seminat, seminare. Diz Cristo, que saiu o Pregador Evangélico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso sair: *Exijt*, porque no dia da messe hão-nos de medir a sementeira, e hão-nos de cortar os passos. O mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que despendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também as passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão: os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a sementeira: aos que vão buscar a seara longe, hão-lhes de medir a sementeira, hão-lhes de contar os passos. Ah dia do Juízo! Ah Pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com Paço; os de lá, com mais passos: *Exijt seminare.* (Grifo nosso, VIEIRA, 2000, p.29).

Desse modo a repetição mimética das Escrituras Sagradas, que promove a ação sempre pela memória, já a inteligência é promovida com a interpretação da *res* e *verba*, que levará o ouvinte à avaliação de si mesmo, através das paixões.

Se seguirmos as explicações vistas por Hansen no prefácio dos estudos de Pécora (1994), em que este assevera que “Vieira, pregador, é *engenho*, que fantasia os casos ciceronianos da sua prudência com agudeza natural de perspicácia dialética e versatilidade retórica, discretíssimas”.(p. 27). Com a simulação ou encenação de modéstia realizada por Vieira logo no início da cena teatral, visa granjear, ou seja, conquistar a simpatia do ouvinte. Cícero, grande orador latino, também iniciava sua oratória desculpando-se pela inabilidade, pobreza de linguagem e desproporção entre a importância do assunto e a insignificância do orador, tal como faz Vieira: “E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório sáísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o Pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe”.(ibidem, p. 29).

Além do mais, está encenação transpõe a figuração de Cristo (semeador/pregador) relacionado ou entrelaçado a ele orador, pois Cristo é o Semeador que sai a semear, tal como Vieira, e os jesuítas “saíram a semear”, a semente que é a palavra de Deus.

Vieira conduz o decoro na oratória e esta produz no ouvinte a discrição e a agudeza nas palavras, com efeito, relativiza a sua imagem de pregador ao Semeador do evangelho com a imagem de Jesus Cristo, o Semeador da Palavra de Deus. Pois Vieira não se coloca como um “pregadorzinho simplório”, esta alegoria conduz o ouvinte à interpretação desejada pelo próprio orador.

Ao enunciar: *Semen est verbum Dei A semente é a palavra de Deus* (op cit). Vieira introduz o ouvinte direto na cena da Parábola bíblica do evangelho de Lucas 8: 11 que narra a história do Semeador. Vieira utiliza as metáforas na montagem de alegorias e estas refletem a “imagem” da cena que foi proferida por Cristo, aos seus apóstolos, no Novo Testamento.

Quando enuncia *Ecce exiit, qui seminat, seminare* Vieira abre o sermão e logo se põe a fazer a hermenêutica cristã de “saiu” *exiit*. Com efeito, Vieira distingue o mal pregador como aquele que prega no abrigo da Pátria, mas também enfatiza que o verdadeiro pregador visa à conversão de almas rudes e alheias às *Escrituras Sagradas*, porque “Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há os que semeiam sem sair” (ibidem). Observe a posição de *quiasma* semântico¹³, apoiada na semelhança vocabular: *saem a semear / semeiam sem sair*.

Nesse sentido, os pregadores que semeiam sem sair do lugar são pregadores de nome, até porque não devemos confundir semeador e pregador, enquanto nomes, com aquele pregador que semeia o que prega. Vieira constrói esta semelhança vocabular apoiado na *res e verba*, como ornamento de palavras e de figuras, de modo a adequar o discurso ao efeito desejado pelo orador: *paços* = a *palácio* x *passos* = a movimento.

Esta significação projeta um ataque direto aos freis dominicanos que se mantêm na segurança e no conforto, além de desfrutarem dos privilégios obtidos na Corte Real. Conforme cita Hansen (1984): “Propondo o jesuíta Vieira como vontade, o teólogo Vieira

¹³ *Antimetabolé* ou *quiasma* semântico: “Cruzamento, na disposição da sucessão das palavras, entre palavras que se correspondem por significado e por função gramatical ou sintática”. (ibidem, p. 190).

como inteligência, o político Vieira como ação, o pregador Vieira como engenho”.(ibidem, 27). Vieira era um homem de pensamentos e de ação, enquanto jesuíta. Armado de fervor religioso da Contra-Reforma tinha o ideal de recuperar no Oriente, na África e no Novo Mundo, os cristãos que a Reforma Protestante, promovida por Martin Lutero, havia subtraído do rebanho da Igreja Católica.

Outra técnica retórica utilizada por Vieira é a *erótema* (pergunta retórica) para fazer uma interrogação desnecessária, pois não se espera a resposta, mas tem como objetivo, expor a finalidade do sermão observe: “porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Está tão grande e tão importante dúvida será a matéria do Sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será e também a vós: a mim para aprender a pregar: a vós para que aprendais a ouvir”.(ibidem, p.33). Temos aqui a agudeza para promover a discrição do ouvinte. Ou seja, ao terminar o sermão o ouvinte “acompanhou” todo o raciocínio do orador e vai ser induzido a concluir Ele sobre o tema.

Tendo em vista que o sermão é um instrumento voltado à conversão, há de se considerar a dialética vieiriana, isto é, a *dispositio*, constituída pela habilidade de revelar a significação “obscurantista” ao ouvinte, ou seja, o encoberto pela política e pela teologia através da hermenêutica cristã. Portanto, o sermão é a expressão mais concentrada da verdadeira pedagogia, principalmente, sob a arte de pregar e promover as paixões do ouvinte.

Agora, partimos para exposição ou narração do sermão, conforme os apontamentos de Aristóteles, que orienta o orador a dividir em partes as premissas (maior/menor) para que seja possível expor detalhadamente ao ouvinte os atos retóricos que formam a base da oratória.

Tendo em vista a quantidade de fatos narrados, Aristóteles aconselha o orador a fazer uso da justa medida em que se fala e escreve de maneira suficiente ilustrativa sobre o assunto.

No capítulo III, Vieira começa a desenvolver o método dialético da escolástica e começa a afirmar e negar as causas da pouca eficácia (frutificação) da palavra de Deus. Com

efeito, podemos ressaltar como o ponto culminante do sermão que forma a imagem na cena aberta da oratória. Com isso se dá a criação de um fundo falseado, ou seja, verossímil pela representação figurativa da ausência da “Coisa” presentificada na santidade temporal da história, que a estrutura retórica da sermonística barroca assim inaugura a “prática de escrita”.

Observe:

III

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do **pregador**, ou da parte do **ouvinte**, ou da parte de **Deus**. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver **três concursos**: há-de concorrer o **pregador com a doutrina**, **persuadindo**; há-de concorrer o **ouvinte com o entendimento**, **percebendo**; há-de concorrer **Deus com a graça**, **alumando**. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: **olhos**, **espelho e luz**. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, e necessária luz e é necessário espelho. **O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento**. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no **Concílio Tridentino**, e no nosso Evangelho a temos. *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.*¹⁴ Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não há para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae, et non feci?*¹⁵ -- disse o mesmo Deus por **Isaías**. (Grifo nosso, ibidem, p. 33-34).

Com um raciocínio envolvente, Vieira opera o *movere* utilizando o método silogístico aristotélico, ou seja, os *entimemas*, para aplicar a associação das paixões ao ouvinte através da parenética, um diálogo hipotético com o ouvinte. Observe a construção dos argumentos:

Pregador-----	espelho-----	doutrina (persuadindo)
Ouvinte-----	olhos-----	entendimento (percebendo)
Deus-----	Luz-----	Graça (alumando)

¹⁴ S. Mateus 5:45 “[...] para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o sol se levante sobre os maus e bons e a chuva desça sobre justo e injusto. [...]”.

¹⁵ Isaías 5:4 “[...] Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas? [...]”.

Ao prever dúvidas, Vieira antecipa as indagações impondo ao ouvinte uma maneira irrefutável de entendimento, ou seja, o puro *levis immutatio*¹⁶ (jogo de palavras) que por meio da *léxis*¹⁷, eloquência do orador, introduz a dialética e simultaneamente o *movere* que ativa a ação interior, através dos elementos da alma do ouvinte.

A revelação do eixo *finito/infinito* ocorre no sermão pela história que direciona a Árvore genealógica de Cristo, o *semeador* da Palavra de Deus. O *pregador* semeador do Céu vem com espelho da doutrina. A semente/trigo deve ser semeada no coração, ou seja, a terra, que é o ouvinte, levará os olhos ao entendimento da verdadeira luz, que são as estrelas *Escrituras Sagradas*. Portanto, o pregador e ouvinte ficam inscritos na história através do espelho e dos olhos para o entendimento dos dogmas religiosos tendo em vista que a árvore da doutrina fundamentada no Providencial Divino, ou sela, alumiada pela Luz da Graça de Deus.

De acordo com o evangelho de Mateus “o seu sol se levanta sobre maus e bons”, logo, Deus é o *Sol* que ilumina a *terra* – ouvinte - com a Graça movida pelo Espírito Santo, com a semente semeada pelo semeador ou pregador da doutrina. Assim funda-se o mistério sacramental pela Santíssima Trindade (Pai, Filho e o Espírito Santo, o consolador) que desce como a Luz sob o pregador/semeador, que sai a semear a semente que é a Palavra de Deus “*Semen est verbun Dei*”.(ibidem).

A repetição histórica da hermenêutica cristã se constituiu no sermão como a história Providencial que retira o homem da História. Com efeito, o eixo do *finito* (homem/história) só existe para cumprir o que já está previsto no eixo do *infinito* da Divina Providência, visto que

¹⁶ *Levis immutatio*: “jogo de palavras”. Alteração de uma palavra (eventualmente de uma frase) que seja exígua quanto a uma mudança fonética ou léxica, mas notável pela alteração de significado que tal mudança acarreta.

¹⁷ Em retórica a *lexis* funciona como um conjunto virtudes *elocutionis* tiradas dos lugares comuns (paixões) utilizada como técnica argumentativa pelo orador, isto é, *inventio* (técnica de inversão) para persuasão do ouvinte, ou seja, o uso e manipulação da linguagem destinada a aumentar sua eficácia natural. Aristóteles distingue uma elocução *dieireméne*, “quebrada”, de tipo paratático, de uma elocução *katestramméne*, “concatenada”, de tipo hipotático.

Vieira escreveu a profecia messiânica sobre o mito sebastianista¹⁸ sobre a *História do Futuro de Portugal*, utilizando as profecias de Isaías e Daniel, retiradas de textos bíblicos. Assim, Vieira dramatiza o político-teológico na construção do teatro sacramental providencialista, na relação entre o eixo *finito/infinito*.

Dessa forma o orador jesuíta institui o ouvinte na cena oratória produzida por meio do *ut pictura poesis*¹⁹, que institui a representação simbólica da Igreja que vive a dor da ausência do Esposo (Cristo), ao passo que a Ressurreição do Cristo está *presentia trópos*²⁰ como “Coisa” constituída pela pintura plástica projetada na mente do ouvinte dentro do cenário montado por Vieira entre o **Céu** e a **terra**, com a presentificação do Divino na terra pelo **ouvir** a palavra de Deus no sermão:

[...] A razão, é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos [...] na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Videbimus eum sicuti est*²¹; na terra entra-lhe o conhecimento pelos ouvidos *crê-se*, o que entra pelos olhos que necessita. Vissem os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do Sermão seriam outros”. (Grifo nosso, *ibidem*, 37).

Nesta perspectiva, cabe salientar que a Sexagésima no calendário católico tradicional começa no Domingo da Páscoa e termina na Quarta-feira de cinzas assim instituída como Tempo da Santíssima Trindade ou revelação do mistério da redenção e misericórdia divina ao homem através da história. Segundo Hansen (1994) aponta, este mistério divino ocorre pelo

¹⁸ Mito sebastianista, também foi citado no poema *Os Lusíadas* (1572) de Camões (como seu protetor): Esta crença popular foi encampada por vários escritores, entre eles Padre Antonio Vieira, de que D. Sebastião ressurgiria das areias da África, onde desapareceu, para conduzir Portugal a ser o Quinto Império. D. Sebastião passou a personificar o mito messiânico do “encoberto”, do “messias”, como o salvador da pátria que garantiria a segurança e independência de Portugal.

¹⁹ Segundo Hansen (1994) “Na Arte Poética, Horacio prescrevera aos poetas a observação da ordem na natureza; reciclando-o, a apropriação contra-reformada propôs que na pintura e tema sacro e em gêneros oratórios populares, como o sermão, a maravilha só deveria ser efetuada como licença poética, e somente quando houvesse uma finalidade teológica para figuração, demonstrada como um milagre da natureza para fundamento da fantasia”. (*ibidem*, p. 29-30). Porque era uma perspectiva medieval.

²⁰ *trópos*: É o desvio da flecha semântica que liga uma palavra a seu significado e é substituída por uma ligação diferente.

²¹ Rm 10:16 e 17 “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”.

espelhamento da Figura de Deus aos “olhos” e “ouvidos” do auditório, sendo isto o que comove o ouvinte:

[...] *ut in speculo*, a Figura aparece encoberta nas formas misteriosas das figuras de um futuro que a autoridade do Padre contra-regra encena em suas espécies sacramentais visíveis, atualizando-a como revelação que a caridade sempre deseja e espera para espantar, comover e capturar os ouvidos de ver e os olhos de ouvir.” (ibidem, p.21).

Esse espelhamento na oratória evidencia a figura do rei encoberto pela revelação da palavra divina, pois o Rei naquela época era a encarnação de Deus na terra. A seguir o capítulo IV, temos a organização das provas, que devem ser previstas e exatas por meio da voz impostada com decoro na pronuncia das palavras proferidas pelo orador. Há três causas apontadas por Aristóteles que são (prudência, benevolência e virtude) constituídas na fala do orador, prevendo para quem se fala, no caso, o ouvinte, bem como se referir somente ao ponto (causa/assunto) contestado.

Vieira destaca, logo no início do capítulo as cinco circunstâncias, distribuídas nos capítulos seguintes: ainda no IV trata da pessoa; no V, do estilo; no VI, da matéria; no VII, da ciência; e no VIII, da voz do orador. Essa estrutura corresponde às divisões tradicionais dos tratados de retórica clássica (Aristóteles/teoria, Quintiliano/pedagogia e Cícero/oratória), que constituem o mais freqüente intertexto na estruturação do Sermão.

IV

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? -- No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa. (Grifo nosso, ibidem, 36).

Vieira começa a articular a pedagogia sobre a eficácia do orador (pessoa) e, quais são os pré-requisitos para que o *pregador* seja *semeador* da palavra Divina, e não apenas *pregador* de nome. Ao diferenciar o predador de nome e pregador da doutrina, fica claro ao ouvinte que se há culpa de não haver a frutificação da Palavra de Deus, a culpa é do pregador que não produz bom fruto (doutrina) ao entendimento do ouvinte:

IV

[...] Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? **Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia.** Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. **Entre o semeador e o que semeia há muita diferença.** Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, **uma coisa é o semeador e outra o que semeia;** uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? o conceito que de sua vida têm os ouvintes. (Grifo nosso, *ibidem*, p. 36).

Podemos perceber que a Retórica Clássica deu a sermonística de Vieira meios de exemplificar a significação das “Coisas” e do homem como signo, seja na ordem cósmica pela (revelação), seja na ordem terrestre pela (natureza) como verdade: moral, mística e escatológica, como Hansen (2006) nos afirma:

[...] à prática interpretativa dos primeiros padres da Igreja e da Idade Média *lê* coisas como *figuras* alegóricas - e não as palavras que as representam - para nelas pesquisar o sentido espiritual. Como foi dito, a alegoria grego-latina é, tanto em sua invenção quanto em sua interpretação, *uma técnica apenas verbal*, em que o sentido próprio também é discurso e pressuposto do figurado. Diferente da leitura grego-latina, a alegoria hermenêutica cristã é uma “semântica” de *realidades* reveladas pelas coisas representadas pelas palavras, não importa sejam palavras de sentido próprio ou figurado. (*ibidem*, p. 91-92).

Esta interpretação alegórica que se faz da *tipologia* é uma apropriação das técnicas retóricas aristotélicas. Trata-se apenas de um cunho apelativo (pedagógico) à memória do homem (ouvinte). Conforme explicou Hansen (2006), a oratória jesuítica de Vieira está centraliza na discussão sobre a teologia e poética dos princípios cristãos.

Ao tratar do estilo, Vieira lança um ataque direto aos pregadores (freis dominicanos) pelo exagero verbal cultista ou gongórico na prática oral e escrita seiscentista. Com um decoro implacável, nas palavras “não declaradas”, Vieira crítica o frei dominicano Domingos de São Tomás que fazia muito sucesso na Corte Real entre os pregadores cultistas:

V

Será porventura o **estilo** que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empedaçado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afectado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há-de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. [...] Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há-de ter três modos de cair: há-de cair com queda, há-de cair com cadência há-de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas porque hão-de vir bem trazidas e em seu lugar; hão-de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão-de ser escabrosas nem dissonantes; hão-de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há-de ser tão natural e tão desafectada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit*. (ibidem, 39).

Após demolir o estilo cultista, Vieira segue no capítulo VI em defesa ao conceptismo para formar a unidade em torno do assunto (matéria), bem como trata dos princípios da retórica clássica e expõe a autonomia das partes de seus sermões: “Há de tomar o Pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com exemplos, há de aplicá-la nas causas, [...]”. (ibidem, 42).

No capítulo VII do referido Sermão, Vieira discute a ciência como fonte de sabedoria e discernimento, articula um raciocínio lógico de modo que venha a recair a emoção ao ouvinte. Para isso utiliza a *dispositio* (organização discursiva) com a elaboração de diferentes

estratégias de convencimento e, procura temas relacionados ao *inventio*, ou seja, objetos expostos através de exemplos:

Eis porque muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *semem suum*. **O pregar é entrar em batalha com vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória.** Quando Davi saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. **Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi.** As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi, e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. **Pregador que peleia com armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.** (Grifo nosso, *ibidem*, 42).

Aqui, neste ponto do sermão, podemos observar a *actio* (ação), que ativa a *memorie* (memória) do ouvinte. Naquela época o exercício da memória era muito valorizado e, em função disso, Vieira promove o *movere* no ouvinte por meio da sua inteligência.

Ao relacionar as personagens ligadas à história ocidental relacionam as armas de Aquiles à história hebraica do Velho Testamento com as armas de Davi, afirmando que “ainda que sejam as de Aquiles” e “ainda que seja de Davi” as armas só serviram para Eles. Neste caso, temos outra apropriação do *finito/infinito*, pois Vieira apresenta ao se referir as “armas alheias” faz a relação entre os Freis Dominicanos = a Pátroclo, colocando o humano e o divino no mesmo plano das virtudes no comportamento humano “[...] o exemplo assemelha-se à indução e a indução ser um princípio de raciocínio”. (*ibidem*, p. 143).

O que vai prevalecer na oratória é o verossímil com a intenção de mover/comover o ouvinte, uma vez que estes possuem os três elementos da alma: a memória, a inteligência e a vontade que envolvem a razão das idéias e dos pensamentos do mesmo.

Vieira segue para a causa no capítulo VIII, que está ligada a voz do orador com o decoro da causa e efeito discursivo, que Aristóteles destaca como: a prudência, a benevolência e a virtude do orador para obter a eficácia na composição da oratória:

Será finalmente a **causa** que há tanto buscamos, a voz com que hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam brandando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era voz, e bom peito. [...] Por isso Isaías chamou aos **pregadores nuvens**²². *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* (Grifo nosso, *ibidem*, p. 45-46).

O pensamento político de Vieira visa em suas práticas orais e escritas o interesse do Reino Português. A sua concepção de Estado compreende a razão com base entre a ação e o discurso, que temos visto em suas heranças tridentinas.

Dessa forma o discurso de Vieira parte de dois pontos: apelo e concepção de Estado que dá lugar ao corpo místico Eucarístico por meio do plano salvífico que integrassem católicos e hebraico.

Com base do reino consumado por Cristo na Terra, Vieira elaborou a teoria do *Quinto Império do Mundo*²³ que marcaria a união de todos a favor de um interesse nacional. Segundo os estudos de Marilena Chauí (2001), há três elementos principais que designam a história:

O primeiro constituinte é, para usarmos a clássica expressão de Sérgio Buarque de Holanda, a “visão do paraíso” e o que chamaremos aqui de elaboração mítica do símbolo “Oriente”. O segundo é oferecido, de um lado, pela história teológica providencial, elaborada pela ortodoxia teológica cristã, e de outro, pela história profética herética cristã, ou seja, o milenarismo de Joaquim de Fiori. O terceiro é proveniente da elaboração jurídico-teocêntrica da figura do governante como rei pela graça de Deus, a partir da teoria medieval do direito natural objetivo e do direito natural subjetivo e de interpretação pelos teólogos e juristas de Coimbra para os fundamentos das monarquias absolutas ibéricas. (CHAUÍ, 2001, p.58).

A filósofa Chauí, explica que as três operações divinas constituem o mito fundador que correspondem a obra de Deus - Natureza; a palavra de Deus - história; a vontade de Deus - Estado. Essa construção do mito fundador evidencia o poder teológico-político seiscentista

²² Isaías, 60:08. “Quem são estes, que vêm voando como nuvens, e como pombas para os seus pombais?”.

²³ Teoria do *Quinto Império do Mundo*, que segundo Vieira deveria ser “governado por dois homens com poderes outorgados por Deus: um chefe da ordem espiritual, o papa; e outro, chefe da ordem temporal, um soberano poderoso que submeteria as nações, convencendo-as à fé. E esse grande monarca deveria ser um rei português”. (ABRIL CULTURAL, 1969, p. 190).

luso-brasileiro. Este mito poderoso relaciona a obra de Deus - Natureza ao livro do Gênesis sobre o paraíso terrestre a as profecias de Isaías e Daniel. Portanto, com o Providencial Divino do eixo *finito/infinito*, Vieira implanta a figura Del-Rei encoberto e disfarçado presente e vivo. Dessa forma, Vieira ressuscita a figura Del-Rei “Dom Sebastião” na figura de Dom João IV. Com isso, Vieira atraiu os sebastianistas e a Corte Real, cativando a simpatia do Rei Dom João IV e a Rainha Dona Luísa, uma espanhola de gênio forte e dura de ser conquistada a partir da matriz mística sebastianista que induz a idéia do governante como a encarnação de Deus entre os homens.

Finalmente, chegamos aos capítulos IX e X, neste ponto, Vieira faz uma retomada do tema ao se encaminhar para o epílogo ou peroração, reitera as advertências postas até então no sermão através de argumentos lógicos circulares, posto pelo método dialético e silogístico através do uso dos *entimemas*.

De acordo com Aristóteles a recapitulação é importante para mover as paixões no ouvinte. E aconselha o orador que elogie ou censure a platéia, conforme o discurso proferido por ele, em vista de que a platéia é a recebedora da mensagem:

[...] Semeadores do evangelho, eis o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contente de nós, senão que saiam muito descontentes de si, não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados. [...] (ibidem, p. 56).

Ressaltamos que Vieira utiliza a facécia²⁴ (ironia/humor) bem conduzida com o decoro. Portanto, a facécia em muitas vezes é impreterível ao discurso para o orador, no embate retórico, pois consiste em angariar a simpatia do ouvinte e institui o *movere*.

²⁴ Da facécia: “Quanto à facécia, ela parece ter algum cabimento nos debates. Pretendia Górgias que se deve confundir a seriedade dos adversários pela facécia, e suas facécias pela seriedade; e nisso tinha razão. [...] Deverá pois o orador escolher as que lhe convém. A ironia quadra melhor ao homem livre do que a bufoneria, pois ironizamos para nos deliciarmos, ao passo que bufoneamos para deliciar os outros”. (ibidem, p. 219)

Enfim, no discurso epidítico convém sempre agradar e comover o público de maneira inteligente e divertida. Podemos observar que Vieira elabora estratégias de convencimento acentuadas à disposição e caráter do orador. Com isso, a organização da oratória sacro-poética apresenta o tema relacionado a bases racionais assim adequadas ao método escolhido por Vieira que, no momento da invenção, aplica as técnicas retóricas aristotélicas para obter o efeito semântico desejado pelo orador católico e a conversão do ouvinte.

2.2 O Signo das Paixões na Apropriação Católica

Como vimos anteriormente, o discurso epidítico deve compor duas partes: a exposição do assunto e a prova, pois é importante para o orador identificar o tema tratado para, em seguida, fazer a demonstração, ou seja, dar clareza e confiabilidade. Na organização discursiva, este deve ser constituído de quatro elementos: exórdio, exposição, prova (exemplos) e o epílogo ou peroração.

No discurso, o gênero epidítico ou demonstrativo “comporta duas partes: elogio e censura [...] o essencial é o presente, porque para louvar ou para censurar apoiamo-nos sempre no estado presente das coisas; contudo sucede que freqüentemente utilizamos à lembrança do passado ou presumimos o futuro”.(ibidem, p. 39).

No *Sermão da Sexagésima*, o orador visa convencer, mas também, como já foi dito, tem uma natureza metalingüística na arte de ensinar o pregador a pregar, com um inegável cunho pedagógico. Vieira desenvolve os padrões e técnicas da retórica aristotélica como um conselheiro, mas também com censura ao questionar o porquê da Palavra de Deus não estar a dar frutos para Igreja. Assim articulam as três partes do discurso para promover as paixões, no sentido de comover e converter os ouvintes.

Podemos observar que Vieira articula com agudeza e requinte a oratória, a prudência e a astúcia em suas palavras, mantém o decoro da “voz” e dos “gestos”, em vista de comover o ouvinte a partir da exegese mítica, que são formados pelos *entimemas*²⁵ intercambiado por tópicos repetidas pela *presentia* (presentificação) da palavra de Deus. Assim, a mensagem chega ao ouvinte, “cuja alma tem três potenciais: a memória, a inteligência e a vontade, cujos atos devem fielmente servir e crer na Santíssima Trindade, amando com fervor suas Pessoas, tendo-as sempre na memória”.(VARAZZE, 2003, p.230).

Ao desenvolver a habilidade verbal, Vieira constrói o cenário canônico que configuram as práticas de escrita e leitura seiscentista luso-brasileira através de “alegorias” da hermenêutica cristã, que são “reveladas pelas coisas representadas pelas palavras, não importa sejam palavras de sentido próprio ou figurado”.(ibidem, p.92). Isto nos remete a salientar a voz na disposição do orador, que Aristóteles relaciona entre a retórica e a poética no Livro III:

É pois evidente que esta questão faz parte da Arte Retórica, como da Arte Poética. [...] Esta ação ocupa-se da voz, das diferentes maneiras de a empregar para expressar cada paixão: ora forte, ora fraca, ora média, estuda igualmente os diferentes tons que a voz pode assumir, alternadamente aguda ou grave ou média, já que ocupa um ritmo a ser empregado em cada circunstância. Estas três coisas constituem o objeto da atenção de todos os oradores: a força da voz, a harmonia, ritmo. [...] assim nas lutas políticas a ação oratória se reveste de maior importância que o próprio assunto por causa da imperfeição das constituições. (ibidem, p. 173).

Com esta expressão clássica do modelo aristotélico Vieira conduz a associações de idéias e imagens discursivas e assim constitui a representação mimética de avaliação e descrição na ação ou *elocutio* do orador, não dando a possibilidade de contestação por parte do ouvinte, de tomar uma posição contra sua fala. Assim, a oratória sacro-poética de Vieira pressupõe um sentido preciso que possibilite ao ouvinte a relação entre Deus no Céu e o

²⁵ *Entimema* ou *enthymema*: Raciocínio quase dedutivo, análogo por estruturas ao silogismo lógico, mas diferente deste por falta de necessidade lógica. Pode se apresentar como um silogismo cujas premissas são verossímeis, em vez de verdadeiras (Aristóteles), ou como um silogismo que falta uma das duas premissas, ou até mesmo a conclusão, tendo neste último caso um valor puramente enfático (Lausberg).

As a result, the model is able to capture the complex relationships between the variables and provide a more accurate prediction of the outcome. The model is trained on a dataset of 10,000 samples, and the results show that the model is able to predict the outcome with a high degree of accuracy. The model is able to capture the complex relationships between the variables and provide a more accurate prediction of the outcome. The model is trained on a dataset of 10,000 samples, and the results show that the model is able to predict the outcome with a high degree of accuracy.

1. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$.
 2. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{C}$.
 3. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 4. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 5. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 6. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 7. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 8. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 9. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.
 10. $\mathcal{L}_1$ is a linear space over $\mathbb{R}$ and $\mathbb{C}$.

[illegible][illegible]

homem na Terra sob uma perspectiva providencialista da história temporal. Como podemos notar aqui:

No céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no Céu como na terra? [...] A razão é, porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos: *Videbimus eum sicuti est*; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos [...]. (Grifo nosso, ibidem, p.37).

Vieira articula no Sermão a representação plástica e discursiva por meio de cenas que remonta a alegoria num sentido figurado do *Céu* e da *Terra*, que oscilam entre a imagem e a semelhança. Assim, distingue a posição hierárquica que se desloca pelas palavras proferidas das “Coisas” num sentido espiritual da significação de textos bíblicos. Para tal, Hansen (1999) aponta três analogias: atribuição, proporção e proporcionalidade, que constituem a imagem por meio de metáforas na prática verbal da oratória, e aponta:

Quando tais imagens poéticas são cruzadas com a representação de outros campos semânticos contemporâneos, como o da navegação, é possível explicar a natureza da ligação dos termos metafóricos. Ainda podemos explicar que, na sociedade portuguesa do século XVII, a agudeza dos estilos era um processo retórico generalizado e também uma concepção providencialista da história em todas as práticas de representação. (HANSEN, 2002, p. 176).

Certamente, se determinarmos a hermenêutica cristã pela sua hierarquia, é possível identificar a ação pelo eixo *Infinito*/Divino e o *finito*/histórico. Por exemplo, no *Infinito* Divino como teatro da mente se faz presente na ação que ocorre no *Finito* histórico. Com a dominação canônica associada à finalidade cristã pela “aplicação do modelo misterioso as formas institucionais, Vieira não se detém no corpo místico e visível da Igreja, mas avança até o corpo moral e político do Estado”.(PÉCORA, 2000, p. 21).

Entendemos que a cena aberta retratada em forma escultural ou pictórica, que caracteriza a dramatização da ação: “O pregar, que é falar, faz-se com a boca; o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras”.(ibidem, p. 36-37). Com efeito, Vieira utiliza o mistério sacramental para engendar a ação organizada na retórica-política-teologia, conforme foi observado por Pécora (2000) na introdução de *Sermões: o modelo sacramental* em que ressalta:

O sacramento efetua, portanto, a identidade essencial comum áqueles que individualmente buscam a Deus, encoberto nele. A comunhão descobre o ser comum entre os homens, que, por sua vez, não podem ser descritos fora de sua relação com Cristo. Essa descoberta da essência comum da coletividade é lugar fundamental da oratória sacra e não é difícil ver que seus termos são indissociavelmente teológicos e políticos. (p. 20).

Através da oratória sacro retórica-poética, Vieira encena a dramatização sacramental que pela fé e crença na Santíssima Trindade, ou seja, no *espírito unificador* que move o homem em toda a sua virtude à realidade universal do mundo contemporâneo. Neste sentido, o *movere* aplicado no engenho retórico-político-teológico, articula tanto as paixões como a razão das idéias e dos pensamentos do ouvinte.

Portanto, o entrelaçamento produzido por Vieira entre a retórica-política-teologia relativiza a *tchene*, ou seja, ocorre a fusão entre a *Arte Retórica* e a *Arte Poética*. Assim é criado o efeito de ação promovida pela substância plástica da Representação, a mimese das Escrituras Sagradas que circulam por meio do silogismo/*entimema* organizado pelo decoro do orador, o agente criador da mensagem ao ouvinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este roteiro de estudos teve por objetivo apresentar como a sermonística barroca se apropria da retórica clássica para elaboração do *movere* no âmbito das práticas escritas e leituras da cultura luso-brasileira, pela conformação do pensamento político e teológico de Vieira.

Em primeiro plano, salientamos o aprofundamento do corpus literária ao corpus teórico analítico, com o compromisso de instaurar o funcionamento do *movere* na encenação discursiva de Vieira, ligado ao tema central através da teatralização Sacramental para evidenciar a estrutura da retórica aristotélica na oratória sacro-poética dos séculos XVI e XVII.

Este arranjo teatral apresenta a política obscurantista do Estado hierárquico sobre os aspectos teológicos infuso por Vieira através do mito sebastianista, que no eixo *finito/infinito* caracteriza a figura de Deus a partir do mistério sacramental do Deus vivo. Desse modo, Vieira profetiza a teoria do *Quinto Império do Mundo*, que deveria ser governado por um rei portuguesa, elaborada sob a exegese cristã do Velho Testamento através da profecia prevista pelos profetas Daniel e Isaías das *Sagradas Escrituras*.

Com esta dramatização, Vieira “ressuscita” a figura Del-Rei Dom Sebastião, encoberto e disfarçado na figura do Rei Dom João IV postos por num jogo de sentidos semânticos, que move a ação discursiva ligadas aos elementos da alma: a memória, a inteligência e a vontade. Posto assim na composição discursiva: a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio* dão forma a significação e representação que o *movere* promove por meio das paixões do ouvinte.

Portanto, ação mimética da Representação da “Coisa” e “Natureza”, nos deram a possibilidade de refletir sobre a formação do sujeito literário, no âmbito das práticas de escrita

e de leitura seiscentista. A partir da inscrição barroca, a pragmática retórica produz nas letras ibéricas do teatro retórico-político-teológico que encena a representação da presença da “Coisa” pela ausência Dela na terra, prefigurada na figura do Del-Rei.

Podemos considerar, que o *movere* atua no auditório através da catarse, ou seja, a expurgação e purificação as emoções correspondentes das “paixões” ações (melhores ou piores) humanas. Assim, as paixões/virtudes atuam no discurso e na imagem como técnica retórica, expressada desde a Antigüidade. Estas foram apropriadas pela cultura luso-brasileira para montagem da alegoria da interpretação cristã sobre as Escrituras Sagradas. Com isso, decifram a significação das verdades que designam “Coisa” no sentido espiritual pela descoberta de argumentos e exemplo para reprodução da Coisa/Deus pela ação providencialista divina, relacionada ao cenário político/teológico contra-reformistas da História/homens.

Enfim, resta aludirmos, que o eixo *finito* só existe para cumprir o que já está previsto no eixo *finito* do Rei encoberto, que está presentificado na ação do corpo místico eucarístico pela Ressurreição do Deus vivo na terra. Então o centro deste estudo evidencia o *movere* na sermonística seiscentista, pois Vieira utilizou a *Arte Retórica* e *Poética* de Aristóteles para esculturar a palavra divina em um período marcado pela dualidade científica e medieval, que configuram a as práticas de escrita e leitura do sujeito literário “Barroco” luso-brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL CULTURAL. Pe. *Vieira grandes personagens da história*. São Paulo - SP, 1969.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *A Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES, Vida e obra, *Organon, Política e construção de Atenas, Arte Poética*. In: Victor Civita (fund.) São Paulo - SP: Editora Nova Cultura Ltda, 2000.

BARTHES, Roland. *A retórica Antiga*. In: Coletâneas Pesquisas de Retórica: Seleção de ensaios da revista "Communications". Petrópolis - RJ: Editora Vozes Ltda, 1975.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abano, 2001.

GIRAND, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1997.

HANSEN, João Adolfo. *Leituras coloniais*. In: Márcia de Abreu (org) *Leitura, história e história de leitura*. Campinas - SP: Mercado das letras Edições e Livraria Ltda., 1999.

_____. *Alegorias - Construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra, 2006.

PEBRE, Armando. & EMANUELE, Pietro. *Manual de retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PÊCORA, Antonio Alcir Bernádez. *Teatro do sacramento: A unidade Teológico-Retórico-Política dos Sermões de Antônio Vieira*. Campinas - SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

1. $\mathcal{H}^1(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^1(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^1(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_1 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^1}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^1(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^1(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_1 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^1}$.

2. $\mathcal{H}^2(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^2(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^2(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_2 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^2}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^2(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^2(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_2 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^2}$.

3. $\mathcal{H}^3(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^3(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^3(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_3 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^3}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^3(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^3(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_3 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^3}$.

4. $\mathcal{H}^4(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^4(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^4(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_4 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^4}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^4(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^4(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_4 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^4}$.

5. $\mathcal{H}^5(\mathbb{R}^n)$

6. $\mathcal{H}^6(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^6(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^6(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_6 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^6}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^6(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^6(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_6 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^6}$.

7. $\mathcal{H}^7(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^7(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^7(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_7 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^7}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^7(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^7(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_7 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^7}$.

8. $\mathcal{H}^8(\mathbb{R}^n)$

Let $f \in \mathcal{H}^8(\mathbb{R}^n)$. Then $f \in L^8(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_8 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^8}$. Moreover, $f \in \mathcal{H}^8(\mathbb{R}^n)$ if and only if $f \in L^8(\mathbb{R}^n)$ and $\|f\|_8 \leq \|f\|_{\mathcal{H}^8}$.

9. $\mathcal{H}^9(\mathbb{R}^n)$

10. $\mathcal{H}^{10}(\mathbb{R}^n)$

11. $\mathcal{H}^{11}(\mathbb{R}^n)$

12. $\mathcal{H}^{12}(\mathbb{R}^n)$

RODHEN, Luiz. *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão da Sexagésima; Sermão de Santo Antônio; Sermão da quarta - feira de Cinza*. Célia A. N. Passoni (org) Sermão de Padre Antônio Vieira. São Paulo - SP: Editora Núcleo, 1994.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão. In. Alcir Pécora (org) *Sermões: o modelo sacramental*. São Paulo - SP: Editora Hedra Ltda, 2000.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermões. In. Alcir Pécora (org) *Sermões: a pragmática do mistério*. São Paulo - SP: Hedra, 2001.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. *A retórica da imagem - sobre as releituras seiscentista de Aristóteles*. <http://72.14.205.104/search?q=cache:X0tBY2Y:paginas.terra.com.br/arte/dubit...>
Data: 20/03/2007.